

## Suzano: a educação na mira dos massacres lumpenradicais

 Moysés Pinto Neto

Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil.  
Canoas, RS.  
Doutor em Filosofia (PUCRS)  
[moysespintoneto@gmail.com](mailto:moysespintoneto@gmail.com)

**Resumo:** O ensaio analisa o massacre na Escola Estadual Professor Raul Brasil, em Suzano – São Paulo, à luz dos outros massacres ocorridos no mundo em ambientes escolares e aproximados nos últimos vinte anos, desde Columbine. Para tanto, conecta os pensamentos de Franco Bifo Berardi, Angela Nagle e Achille Mbembe para pensar a formação de subjetividade lumpenradical a partir dos fóruns digitais (chans) da *deep web* e o atrito entre corpo, capitalismo e ambiente virtual. Analisa então suas relações com a frustração, a raiva e o ressentimento que se traduzem em gestos de *acting out* em geral contra outros estudantes e mulheres, tomados como símbolos negativos por uma virilidade ferida pelos avanços sociais e por uma ação que nega o pensamento, colocando a educação e suas instituições como alvo preferencial

**Palavras-chave:** Escola. Massacres. Lumpenradicais. Corpo. Ressentimento.

**Abstract:** This essay analyzes the massacre at the State School Professor Raul Brasil, in Suzano - São Paulo, in light of the other massacres that occurred in school environments in the last twenty years, since Columbine, around the world. Then, it connects the thoughts of Franco Bifo Berardi, Angela Nagle and Achille Mbembe to think about the formation of lumpenradical subjectivity from deep web chans digital forums and friction between body, capitalism and virtual environment. Finally, it analyzes their relationships with frustration, anger, and resentment that translate into gestures of acting out in general against other students and women, taken as negative symbols to a virility wounded by social advances and to an action that negates thought, placing education and its institutions as a preferred target.

**Keywords:** School. Massacres. Lumpenradicals. Body. Resentment.

## 1 Introdução: a globalidade dos massacres

Em “O que resta de Auschwitz”, Giorgio Agamben comenta que suas intervenções na esfera pública em torno à *Sboab* foram recebidas com protesto por alguns indivíduos que se sentiram ofendidos pela constante tomada do evento como paradigma, quando, a rigor, tratar-se-ia de acontecimento “único e indizível”. A intervenção do filósofo, ao contrário, buscaria compreender a *Sboab* enquanto um massacre injustificado, tomando-o como provocação ao pensamento justamente devido a sua completa ausência de sentido (AGAMBEN, 2002, p. 28). Sacralizar o evento, para o filósofo italiano, seria dar razão aos algozes, atribuindo um sentido àquilo que resiste a qualquer hermenêutica: “por que conferir ao extermínio o prestígio do místico?” (idem, pp. 32-33). Entender os massacres escolares como o que ocorreu no dia 13 de março de 2019 na Escola Estadual Professor Raul Brasil, localizada na cidade de Suzano, na região metropolitana de São Paulo, que deixou cinco estudantes e duas funcionárias mortas, além de vários feridos e traumatizados, envolve um exercício semelhante: a extrema repulsa moral não deveria expulsar a reflexão, mas convocá-la, sem que isso queira significar em absoluto o desrespeito às vítimas ou a tentativa de eliminar o caráter singular do acontecimento.

Apesar de algumas características que o ligam a especificidades brasileiras e seu precedente em Realengo (RJ), pode-se ler o acontecimento de Suzano como um fenômeno tipicamente *global*, na medida em que alastrado pelo mundo inteiro como materialização de certas tensões culturais, cuja forma se modifica conforme o contexto local, mas a estrutura permanece similar. Apenas para ilustrar o ponto, um dia depois do evento no Brasil ocorre outro massacre em duas mesquitas em Christchurch, na Nova Zelândia, desencadeado pelo terrorista Brenton Harisson Tarrant e que resultou em mais de cinquenta pessoas mortas,. O assassino justificava seu ato com a defesa da supremacia branca e dos valores do Ocidente contra os imigrantes, em especial os de religião islâmica. Por outro lado, os próprios jovens assassinos de Suzano invocavam Columbine, o primeiro dos atualmente frequentes massacres escolares ocorridos nos EUA ainda nos anos 90, como seu paradigma e objetivo de superação. As redes que o atentado mobiliza atravessam países e utilizam a *Internet* como ponto de encontro entre seus adeptos e inspiradores.

A história de Anders Breivik, recentemente transformada em filme na plataforma *Netflix* e por sua vez inspiradora do atentado de Christchurch, mostra bem o padrão global que esses massacres adquirem. Indivíduo isolado entre os jovens e ligado ao submundo do fundamentalismo na *deep web*, Breivik planeja com frieza o atentado que explode uma sede do

governo, mata setenta e sete adolescentes em um camping escolar e afirma seus valores fascistóides com convicção e desafio diante das autoridades norueguesas. Em meio ao julgamento, tenta sem sucesso mobilizar sua rede e angariar o grande público por meio de um tom desafiante, convocando, inclusive, um dos respectivos *influencers*, que ao final – como sói acontecer – acaba recusando qualquer vínculo entre suas ideias e a matança factual que ocorrera.

Da mesma forma, a escandalosa declaração de que, caso os professores estivessem armados em sala de aula, provavelmente o mal teria sido evitado,<sup>1</sup> proferida pelo deputado Major Olímpio (PSL-SP), um dos líderes do novo governo brasileiro no Congresso Nacional, nada mais é do que a cópia-pastiche do discurso dos ideólogos pró-armamentistas dos Estados Unidos repetida *ad nauseam*, e até mesmo “pensada” como política pública naquele país por governos simpáticos à causa nos últimos vinte anos (BERARDI, 2015, pp. 15-16). A utilização pelos assassinos de máscara que reproduz a caveira, símbolo da cultura de violência celebrada nos filmes de José Padilha – *Tropa de Elite 1 e 2* –, demonstra apenas a configuração local que o fenômeno global adquire. No Brasil, são as máscaras do BOPE que exterminam bandidos pobres e revigoram a ordem maculada pela corrupção generalizada e compartilhada entre esquerda liberal, políticos profissionais e traficantes de drogas. Nos EUA, na Noruega ou Nova Zelândia, são heróis da civilização branca europeia que protestam contra políticas que contemplam em geral imigrantes, feministas, liberais ou muçulmanos, sempre remetendo ao mesmo ecossistema mundial de ideias que obteve diversos sucessos eleitorais nos últimos anos.

Exatamente pela globalidade do fenômeno, trazer referências internacionais para pensar o problema não significa a submissão a um colonialismo intelectual ou a desconsideração das particularidades locais brasileiras, mas apreender um fenômeno a partir de variados pontos de vista, bem como considerar que o Norte antecipou esse tipo de situação que hoje, quase que por contágio viral, vive-se no Brasil. Por isso, o ensaio percorre as ideias psicopolíticas de Franco Bifo Berardi, Angela Nagle e Achille Mbembe a fim de discutir a formação dos *lumpenradicais* na sua conexão com os fluxos do capitalismo global e das redes sociais.

## 2 Os Heróis no Universo do Semiocapitalismo

Conhecido por seus trabalhos em torno ao cancelamento do futuro e o semiocapitalismo, Franco Bifo Berardi dedica um livro inteiro, “*Heroes: mass murderer and suicide*”, para pensar o fenômeno dos massacres que percorrem o globo no século XXI. A fenomenologia dos eventos possui uma específica conexão com o deslocamento para o universo virtual que surge com a

emergência da Internet e a transformação da economia fordista para o capitalismo financeiro. O primeiro caso narrado no livro – que atraiu a atenção de Bifo e o impeliu a escrever sobre os massacres – trata justamente da performance de James Holmes ao invadir um cinema em que rodava o filme do Batman, no Colorado (EUA), atuando como se fosse o Coringa para assassinar a audiência. A combinação entre crime e suicídio parece traduzir a agonia da civilização e do capitalismo, colocando a nu sua verdadeira face. Seu livro não trata apenas dessa combinação tóxica, mas “mais genericamente do estabelecimento de um reino de niilismo e deriva suicida que permeia a cultura contemporânea, conjuntamente com uma fenomenologia do pânico, agressão e violência resultante” (BERARDI, 2015, p. 2, tradução livre).

As premissas que Bifo estabelece já haviam sido colocadas em outros trabalhos. Em “Depois do futuro”, por exemplo, o processo de cancelamento do futuro desencadeado a partir de 1977, com a ascensão da combinação entre neoconservadorismo e neoliberalismo de Thatcher e Reagan, produz uma nova geração em que a crença compartilhada pelas gerações anteriores de que “o futuro será melhor” simplesmente desaparece (BERARDI, 2011, pp. 17-18). Nesses idos, temos o grito “*No Future*” entoado no refrão de “*God Save the Queen*”, do Sex Pistols, e o cinema *noir* de Martin Scorsese com a figura sonâmbula do taxista ex-combatente de “*Taxi Driver*” (PINTO NETO, 2018a). Tal clima é bastante diverso do ambiente esperançoso e criativo de dez anos antes, quando o cinema registrava a ascensão da *nouvelle vague* de Jean-Luc Godard e a música obras luminescentes como “*Sargent Peppers Lonely Hearts Club Band*”, dos Beatles, em convergência com as energias revolucionárias da juventude dos anos 1967 e 1968.

É também de 1977 a canção “*Heroes*”, de David Bowie, que inspira o título do livro. No entanto, Bifo destaca, citando obra de Hito Steyerl:

Ele canta um novo tipo de herói no exato momento da revolução neoliberal e a transformação digital do mundo. O herói está morto – longa vida ao herói! No entanto, o herói de Bowie não é mais um sujeito, mas um objeto: uma coisa, uma imagem, um esplêndido fetiche – uma mercadoria banhada de desejo, ressurreta dos dejetos da sua própria demissão. (...) não apenas o herói de Bowie foi clonado, ele tem acima de tudo uma imagem que pode ser reproduzida, multiplicada e copiada, um *riff* que atravessa sem esforço os comerciais por quase nada, um fetiche que empacota o glamouroso e despreocupado visual pós-gênero como produto (STEYERL *apud* BERARDI, 2015, pp. 3-4, tradução livre).

O cancelamento do futuro de 77 irá desaguar na “fábrica da infelicidade” do semicapitalismo, caracterizado pela prevalência do aspecto cognitivo sobre o maquinal e braçal que costumava caracterizar o fordismo. A *new economy* – inventada pela revista *Wire* nos anos 90 –, com as *startups* tecnológicas que hoje, alguns anos mais tarde em relação à data do livro, estão cada vez mais fortes e controlam – pelo Vale do Silício – os principais investimentos do capital

financeiro, seria a instância fundamental dos fluxos maquínicos do semiocapitalismo (BERARDI, 2003, pp. 11-13). Distante do modelo fabril dos “Anos Dourados” fordistas, o semiocapitalismo teria uma orientação pós-humana, na qual são os algoritmos e a própria complexidade imanente a esses fluxos que formariam o valor alheio a qualquer instância humana (BERARDI, 2003, p. 16).

No horizonte do seu discurso oficial, com seus gurus, mentores e *coaches*, a *new economy* traria um discurso de felicidade compulsória na qual tudo é simples e gratificante, na medida em que o trabalho coincide com o prazer e por isso a convergência libidinal tão buscada nos anos 60 e 70 estaria finalmente concluída. No entanto, trata-se apenas de uma máscara hipócrita da realidade: na medida em que o funcionamento do semiocapitalismo é baseado no fluxo contínuo e complexo de informações e suas relações de sintaxe, o corpo aparece como plataforma de sofrimento por sobrecarga do dispêndio energético (BERARDI, 2003, pp. 18-19, 29-30). Ainda limitado à sua forma orgânica, o corpo acaba violentado pelo excesso que cai sobre si, produzindo pânico generalizado seguido de depressão (BERARDI, 2015, p. 54). Por isso, diferente da “era da neurose” que caracterizava a maior parte do século XX – como diagnosticado por Freud em “Mal Estar na Cultura” e depois sob transformações em obras como “Eros e Civilização”, de Herbert Marcuse, ou “Psicologia das Massas e o Fascismo”, de Wilhelm Reich –, as patologias emergentes com o advento do semiocapitalismo são pânico e depressão (BERARDI, 2003, p. 31).

Sob essas premissas, Bifo passeia por casos terríveis e traumáticos que percorrem o mundo no século XXI exibindo uma dinâmica parecida. Depois de James Holmes, com sua performance que sutura – como numa inflexão situacionista – arte e vida, Bifo analisa atiradores em países como Noruega, Finlândia, Israel, Iraque, entre outros, apresentando as semelhanças e diferenças na fenomenologia dos casos. Alguns – como Seung-Hui Cho, Eric Harris e Dylan Klebold – eram essencialmente pessoas em sofrimento que praticaram o assassinato em massa apenas para ser mortos ao final e com isso livrarem-se do fardo que carregavam. Seus gestos, diz Bifo, devem ser analisados “do ponto de vista da dor, o que de modo algum justifica ou reduz o horror dos seus atos”. Outros, como Breivik, agem friamente como autômatos em nome do seu ideal reacionário, combinando-se com as ideias que o ecossistema da extrema direita mundial dissemina a partir da *deep web* (BERARDI, 2015, p. 96).

Todos, no entanto, apresentam certas semelhanças como o extremo isolamento social e a imersão do ciberespaço, que pode vir tanto sob a forma de mergulho na *deep web* quanto no universo *gamer*. O estímulo digital do videogame, em particular, atraiu atenção da mídia e dos psicólogos, mas é não sob a forma vulgar de uma simples causalidade mimética ou reflexo

condicionado que induziria à violência – algo como uma hipnose produzida pelo jogo sobre o jogador que o levaria a reproduzir o comportamento no mundo real. Não é o conteúdo do jogo, mas o “estímulo mesmo que produz o efeito de dessensibilização da experiência corporal do sofrimento e do prazer”. Claramente, afirma Bifo, “nem todo mundo torna-se assassino em massa meramente por jogar videogame ou engajar-se na estimulação digital. No entanto, o assassino em massa é apenas uma manifestação excepcional da tendência geral nessa mutação geral da mente humana” (BERARDI, 2015, p. 47, tradução livre).

Bifo compartilha com a psicanalista Rose Goldsen o pressuposto de que a paisagem tecnomidiática que forma a nova geração de jovens envolve uma transformação da relação até então estabelecida pela linguagem humana e o contato corporal. A articulação com a linguagem, em particular, dava-se segundo o modelo da criança e da mãe.<sup>ii</sup> Citando Luisa Muraro, destaca o autor:

A profunda e emocional compreensão da dupla articulação da linguagem, na relação entre significante e significado no signo linguístico, é algo enraizado no vínculo de confiança com o corpo afetivo da mãe. Quando esse processo é reduzido a um efeito de troca entre máquina e cérebro humano, o processo do aprendizado da linguagem é separado do efeito emocional do contato corporal, e a relação entre significante e significado torna-se meramente operacional. (...) Podemos esperar que o sofrimento psíquico virá em seguida (BERARDI, 2015, p. 48, tradução livre).

Lembra-se, nesse sentido, do polêmico livro/filme “Precisamos falar sobre Kevin” (EUA, 2012, Diretora Lynne Ramsay), no qual o personagem parece carregar sua perversão assassina em face da relação de não-amor maternal. Segundo Bifo, diversas evidências sugerem que a mutação da experiência para o âmbito digital está produzindo uma patologia na esfera da empatia (uma tendência autista) e na esfera da sensibilidade (a dessensibilização na presença do outro) (BERARDI, 2015, p. 49). A precariedade da vida submetida ao imperativo da competição acaba destruindo a própria sanidade dos corpos, que sofrem os efeitos de um sistema que já não funciona mais sob os limites do humano. Mesmo o dinheiro, que até então poderia ser símbolo do capital, já funciona apenas como fator de “mobilização” para produzir o estímulo energético que o sistema precisa para continuar funcionando. A mobilização dá então lugar ao frenetismo, que por sua vez provoca o pânico, seguido pela depressão (BERARDI, 2015, p. 26). É nesse mundo que Pekka-Erick Auvinen, jovem finlandês de 18 anos, assassina nove estudantes na Jokela School. Definindo-se como “Humanista antihumano”, Auvinen inspirava-se na combinação entre sociobiologia darwinista e libertarianismo para defender um mundo em que a “seleção natural” prevalecesse, com apenas os indivíduos superiores alcançando sucesso em

relação à mediocridade dos demais, que deveriam perecer. Seu ato de assassinato em massanada mais seria que uma aplicação prática do darwinismo social (BERARDI, 2015, pp. 34-36).

Se as ponderações de Bifo nos permitem traçar um diagnóstico estrutural do problema, colocando em contato o atrito entre uma superabundância informacional e sistemas amplificados e estratificados maquínicos que funcionam segundo parâmetros de sintaxe inumanos, de um lado, e o corpo e a sensibilidade superexaustos, em pânico e depressão, de outro, a pesquisa de Angela Nagle entre os “nerds do 4Chan” nos permite penetrar em outra camada do problema: o encontro entre a dessensibilização corpórea e um discurso cínico-transgressivo que irriga essas subjetivações.

### 3 O discurso *troll* e a transgressão conservadora

Durante a repercussão dos atos de Suzano, o termo *chan* entrou no vocabulário da mídia acompanhado de outros como *incel*, *lulz* e *sancto*. São expressões típicas de uma subcultura online que reúne geralmente jovens do sexo masculino com baixa adaptação social, imersão permanente na rede e uma enorme cota de frustração e ressentimento com o avanço de pautas relacionadas à ideia de justiça social, como por exemplo as feministas, LGBT e antirracistas. Segundo consta, os assassinos de Suzano eram frequentadores do Dogolochan, onde inclusive os ataques teriam sido comemorados como um “ato sancto”, expressão para caracterizar quando os usuários realizam no mundo real o que especulam no âmbito virtual, liberando sua raiva e frustração sobre os que consideram ser responsáveis pelo seu fracasso vital – geralmente estudantes e mulheres.

Angela Nagle publicou um dos mais importantes livros sobre o tema,<sup>iii</sup> em que – após permanecer alguns meses imersa no universo do *4chan* – traça uma genealogia da passagem dos EUA de um ex-Presidente negro, culto, cosmopolita e representativo dos mais altos valores liberais para um sucessor grosseiro, rude, agressivo e simpático ao universo do supremacismo branco e das visões mais reacionárias da sociedade norte-americana. “*Kill all normies: the online culture wars from Tumblr and 4chan to the alt-right and Trump*” é uma etnografia das guerras culturais online que explica o mundo *chan* dos fóruns anônimos de baixa configuração gráfica e extrema permissividade discursiva que integram o submundo da *deep web*.

Segundo Nagle, esses jovens definem-se por oposição ao que ela denomina como *Tumblr liberalism*, entendido como a combinação entre a forma de ativismo identitário e o espaço virtual utilizado por minorias políticas para narrar seu sofrimento e protestar contra os preconceitos. Com a estrutura do depoimento, o *Tumblr* teria se tornado nos EUA o espaço em que



movimentos como feminismo e LGBT conseguiriam maior visibilidade. Como é sabido, uma das formas discursivas mais comuns a essas lutas é a denúncia e, em contraponto à violência sofrida, a ideia de que pela desconstrução dos preconceitos e formação de redes de empatia é possível a construção da justiça social. Em um plano caricatural relacionado a alguns exageros que por vezes ocorreriam, esses ativistas foram apelidados pela direita de *Social Justice Warriors* (SJW, Guerreiros da Justiça Social), sendo associados então ao moralismo e à correção política.

Nagle exemplifica essa situação com o caso do vídeo Kony, viralizado na Internet em 2012. O vídeo trazia denúncias sobre fatos ocorridos em Uganda, quando ocorreu a prisão do chefe de milícia Joseph Kony, com finalidade de expor uma campanha de caridade em relação às vítimas. Com uma recepção retumbante e emocionada, o vídeo chegou à capa da revista *Time* como o mais popular já feito. No entanto, logo ele tornou-se alvo de críticas pelos próprios ugandianos, sendo acusado de “clickativismo” e demonstração hipócrita de virtude. Apesar disso, funcionava como um sinalizador de tempos de boa vontade e solidariedade empática. Em 2016, apenas quatro anos depois, um espírito de profundo niilismo cínico já teria invadido a *web*. Nesse ano, o gorila Harambe acabou sendo morto quando uma criança caiu em uma jaula. O ultraje do bom-mocismo diante da morte do animal teria inicialmente levado a culpar os pais da criança e a formar uma competição pela maior virtude, oportunizando logo em seguida que o caso se tornasse uma paródia perfeita do sentimentalismo piegas do Ocidente liberal. Rapidamente, a *web* viu-se inundada de memes e piadas sobre o caso, formando uma espiral de ironias ao senso de superioridade moral e sentimentalismo que imperava até então (NAGLE, 2017, pp. 5-7).

Com isso, inaugura-se uma cultura de transgressão em resposta aos padrões “politicamente corretos” que guiavam os ativistas relacionados com as políticas de identidade. Em contraponto aos SJW, os *trolls* colocavam-se na posição de defensores da liberdade de expressão e do protesto contra o puritanismo. Criadores do campo posteriormente denominado “alt-right”, que acabou elegendo Donald Trump, os *trolls* defendiam que eles seriam a voz antiestablishment, parodiando a esquerda universitária em relação às acusações de racismo, misoginia, homofobia, transfobia e capacitismo, por exemplo. Heterogêneos entre si, esses grupos formam uma composição barroca de pautas como o declínio da civilização ocidental (que inspirou os terroristas Breivik e Tarrant nos respectivos atentados), o declínio da masculinidade (em contraponto ao avanços dos movimentos feministas na sua quarta onda), a liberdade irrestrita de expressão (muitas vezes associada ao humor), as diferenças de QI (que vão levar a uma recuperação do chamado “realismo racial”) e o combate ao “marxismo cultural”, chegando a ideologias mais orgânicas como o supremacismo branco e o neonazismo. Sua atração à juventude



vem da capacidade de organizar a frustração em torno a uma figura inimiga (em geral, mulheres, islâmicos ou marxistas) e da suposta aura transgressora que se coloca contra a repressão discursiva do politicamente correto (NAGLE, 2017, p. 19).

Nesse universo vazio em que circulam livremente todo tipo de pensamentos, numa espécie de ambiente que pode conjugar piadas racistas, pornografia bizarra, imagens violentas, ideias suicidas e pensamentos assassinos, entre outras inúmeras produções perversas, surgem subtribos como os *incels*, celibatários involuntários que depositam seu ódio no feminismo devido ao fim do período de submissão da mulher ao domínio patriarcal. Frustrados e ressentidos com as colegas, idealizam um *acting out* mortal no qual finalmente se vingarão do desprezo sofrido no cotidiano. Casos investigados por Nagle como os da “manosfera” e do “gamergate”, em que mulheres entraram no universo privado dos *gamers* e *nerds* em geral e acabaram virtualmente linchadas e ameaçadas de morte, são exemplos da formação desse ecossistema (NAGLE, 2017, pp. 20-26). Isso, contudo, quando ainda existe alguma coisa que importa. Com o aprofundamento da posição cínica e da aura transgressiva, a própria relação com o real acaba se tornando denegatória, formando uma postura de indiferença que corrobora a destruição do vínculo empático que Bifo explorara acima a partir da eclosão do semiocapitalismo (NAGLE, 2017, pp. 27-40; BERARDI, 2015, pp. 116-117, PINTO NETO, 2018b).

#### 4 O *lumpenradicalismo* desesperado como culto à morte

A postura frustrada desses *nerds/trolls* apresenta-se na forma de catarse a partir do anonimato. E, com isso, catalisa o aspecto violento que atravessa as redes e projeta sobre o mundo real. Por vezes, o *acting out* torna-se não uma explosão momentânea, como a expressão designa propriamente, mas uma espécie de estado de permanente revolta, encorpando-se em ideologias paranoicas baseadas no ressentimento. Dale Beran sinalizava que, durante as eleições estadunidenses, os *nerds* do 4Chan não tinham interesse em contrapor um candidato melhor a uma candidata pior. Trump interessava exatamente *por ser o pior*, e não por ser o melhor. Depois de décadas frustradas de neoliberalismo, nas quais a possibilidade de se engajar em um trabalho e obter melhoras acaba cada vez mais distante, a própria noção de nostalgia não faz mais sentido. Os Anos Dourados já não fazem mais sentido enquanto projeto. É por saber que, aconteça o que acontecer, nada mudará, que os *trolls* desistem de tentar. Sua política é, segundo Beran, uma política de desesperança. Trump é apenas uma pegadinha. Ele não vale por ser um empreendedor bem-sucedido, um *self-made man* perfeito, mas justamente pelo oposto: por ser uma farsa, porque

o tabuleiro está viciado desde o começo e, como em “Heroes” de David Bowie, o herói é um pastiche de heroísmo (BERAN, 2016).

É aqui que o pensamento de Achille Mbembe mostra-se adequado à discussão.. Ao investigar a necropolítica como uma tendência do culto à morte pelo Ocidente, Mbembe aproxima essa noção que Bataille associava à despesa sem reserva, o excesso, o esbanjamento, o luxo, ao culto à morte, ao arriscar a vida do “senhor” hegeliano na dialética do senhor e do escravo. Ou seja, o excesso transgressivo que fomentou as revoltas de 68 – associado à sexualidade, ao uso de psicotrópicos, entre outros – é apenas uma tendência possível no circuito do desejo. Ele também pode se reverter contra a própria vida, pode se transformar em um desejo destrutivo ou, como diziam Deleuze e Guattari, na “paixão por abolição” (DELEUZE e GUATTARI, 1996, pp. 111-112; BERARDI, 2015, pp. 86-89).

Mbembe associa essa dimensão ao surgimento dos “lumpenradicais” na África. Entendido como uma “doença da tirania”, o lumpenradicalismo seria efeito da separação promovida entre as elites e a população, fazendo – por meio da desregulação e da privatização – um sequestro do Estado promovido pelas finanças e pela extração geral. A combinação produz um bloqueio do futuro – semelhante ao cancelamento do futuro que Bifo antevira (BERARDI, 2015, p. 78) – e faz emergir a cólera, a raiva e a impaciência como forças que não param de crescer. Vale citar trechos do texto:

A tirania ensinou essa geração a falar uma língua imunda e destituída de símbolos, a língua desses corpos e dessas existências transformadas em esgotos. Ela produziu inumeráveis personagens rachados, centenas de milhares de vidas divididas em relação às quais atores políticos pouco escrupulosos se consideram hoje, por conta e risco, os porta-vozes. São vidas já consumadas pelo ressentimento ilimitado, pela sede de vingança, pelos atrativos inebriantes de uma festa, pela carnificina e pela violência imbecis às quais, elas creem, são chamadas pelo destino. Essa “geração perdida” estima que a única coisa que nos resta a fazer é combater o fogo com o fogo, a imundície com a imundície, a violência com mais violência, voltando o veneno contra aqueles que o fabricaram.

Por fim, trata-se de uma geração que foi socializada de tal maneira que a brutalidade não lhes parece algo repugnante (MBEMBE, 2017).

E, depois de passar por outros importantes pontos, segue:

No mais, o lumpenradicalismo se distingue pelos seguintes traços: seus principais clérigos têm por hábito reivindicar, quando lhes convém, o estatuto de intelectuais; o lumpenradicalismo se caracteriza por suas inclinações anti-intelectuais. Uma oposição intransponível se estabelece entre a faculdade de pensar e a faculdade de agir. O ativismo (compreendido sob a forma do agir sem pensar) é identificado ao heroísmo. De resto, o desejo de heróis prima sobre toda capacidade de exercício das faculdades críticas. Daí a hostilidade em relação às figuras intelectuais livres.

O outro aspecto do lumpenradicalismo está em levar a cultura da brutalidade ao espaço público e o desejo de subjugação. Isso acontece por meio do uso da violência verbal típica dos movimentos de extrema direita, pela colonização dos fóruns na internet, pela

intimidação dos oponentes e críticos e pela ausência de limites na linguagem e nos modos. (...). A tudo isso é possível acrescentar: uma concepção anti-igualitária (um grande não é um pequeno); um virilismo e hipermasculinismo exacerbados, e daí as constantes referências aos órgãos genitais masculinos e o denegrir dos supostos atributos femininos, isto é, a identificação de toda mulher a uma prostituta (MBEMBE, 2017).

Como se verifica, Mbembe reúne em torno à pulsão de morte dos lumpenradicais todos os atributos em torno dos quais orbita o ecossistema aqui estudado: misoginia, supremacismo, falocentrismo, brutalidade e anti-intelectualismo.

## 5 Considerações Finais

Os massacres, infelizmente, tornaram-se um fenômeno global que se modula conforme as circunstâncias locais e opera por mimese, alastrando e viralizando a brutalidade *lumpenradical* em seus heróis-pastiche, avessos ao pensamento e dispostos a usar a destruição como arma para afirmação de uma virilidade ferida e uma vida fracassada (ver também MBEMBE, 2004, pp. 179-183). *Just do it*, como lembra Bifo no slogan da Nike e sua conexão com o *acting out* (BERARDI, 2015, p. 56). A defesa da ação volta-se exatamente contra a escola, a educação, os intelectuais, uma vez que o pensamento funciona como inimigo dessa concepção misógina e hierárquica de mundo. Esses corpos dilacerados por uma inadequação a um mundo em que as coisas estão dissociadas na fratura entre o tempo digital (das finanças aos videogames) e o corpo físico frágil – não raro atormentado pelos complexos adolescentes – reagem promovendo uma sutura forçada na qual seu conjunto de crenças desorganizadas e niilistas é imposto à força, seguido finalmente do suicídio como ato consumatório (BERARDI, 2015, p. 46).

Em 2016, a partir da eleição de Trump, Victor Marques escreveu:

Essa subjetividade que combina a irreverência supostamente irônica tão comum entre os millenials e a crueldade tóxica que o anonimato (ou pelo menos a impessoalidade digital) parece estimular espalha-se feito uma peste, sobretudo entre homens jovens isolados e deprimidos. Por outro lado, é quase como se a alt-right fosse a versão da “política de identidade” para a direita, implicitamente assumindo que o “homem branco heterossexual” é uma minoria em perigo, que tem direito de se defender. O espectro, inteiramente fantasioso, de um “genocídio branco” (supostamente causado pela imigração, pelas cotas, pelo feminismo, etc.) alimenta a mentalidade paranóica e violenta desses novos cruzados. Como a internet também promove uma circulação praticamente instantânea de narrativas, e a política brasileira cada vez mais se espelha na americana, não se surpreenda se o vírus logo começar a se difundir por essas terras. Sabe aquele seu amigo de crazy eyes, cara de virjão, que reclama das feministas radicais e gosta de publicar coisas sobre Vikings, as Cruzadas ou o Império Romano? Cuidado, ele pode ser um alt-righter. (MARQUES, 2016)

A profecia definitivamente – e infelizmente – cumpriu-se. Mais que nunca, vivemos condições espelhadas no mundo. Nas semanas seguintes ao ato de Suzano, várias escolas e universidades no Brasil tiveram que suspender suas atividades em virtude de ameaças similares. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul expediu comunicado no qual retratava a ameaça de execução de mulheres vinculadas ao curso de Engenharia detectada pela Polícia Federal.<sup>iv</sup> Doze colégios em Porto Alegre tiveram que reforçar a proteção policial em face da ameaça de execuções em uma “grande escola marista”, com o acréscimo que alunos e alunas haviam realizado um forte ato de protesto após a eleição de Jair Bolsonaro para a Presidência da República em 2018.<sup>v</sup> No Rio de Janeiro, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) acionou a Polícia Federal devido à ameaça de aluno de inspiração neonazista com um “Dia D”.<sup>vi</sup>

A educação encontra-se literalmente *sob a mira* do ecossistema fascista que conseguiu se conectar, depois de décadas de trabalho, em nível mundial.

### Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Remnants of Auschwitz: The Witness and the Archive*. Trad. Daniel Heller-Roazen. New York: Zone Books, 2002.

“Ameaça de alunos nazistas assusta professores de escola para surdos no Rio”. *Ponte Jornalismo*. Edição de 12-04-2019. Disponível em: <https://ponte.org/servidores-temem-repeticao-de-suzano-em-instituicao-de-ensino-para-surdos-no-rj/>. Acesso em 13-04-2019.

“Ataque seria evitado se professor estivesse armado, diz Major Olímpio”. *O Globo*, 13-03-2019. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/ataque-seria-evitado-se-professor-estivesse-armado-diz-major-olimpio-23518634>. Acesso em 14-04-2019.

NAGLE, Dale. “Trump, os nerds do 4chan e a nova direita dos Estados Unidos”. Trad. Clara Allain. *Folha de São Paulo*. Ilustríssima., edição de 19.03.2017, 2017.

NAGLE, Dale. *It came from something awful: how a toxic troll army accidentally memed Donald Trump into office*. New York: All Points Rocks, 2019.

BERARDI, Franco ‘Bifo’. *After the future*. Trad. Arianna Bove et al. New York: AK Press, 2011.

BERARDI, Franco ‘Bifo’. *La fábrica de la infelicidad: nuevas formas de trabajo y movimiento global*. Trad. Manuel Hendrikson e Patricia Leatxe. Madrid: Traficantes de Sueños, 2003.

BERARDI, Franco ‘Bifo’. *Heroes: mass murder and suicide*. London/New York: Verso, 2015.

BERARDI, Franco ‘Bifo’. *Futurability: the age of impotence and the horizon of possibility*. London/New York: Verso, 2017.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto et al. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

“Escolas reforçam segurança após ameaça de ataque”. *Extraclasse*. Edição de 28-03-2019. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/movimento/2019/03/escolas-reforcaram-seguranca-apos-ameaca-de-ataque/>. Acesso em 13-04-2019.

GROSSBERG, Lawrence. *Under the cover of chaos: Trump and the battle for American right*. London: Pluto Press, 2018.

MARQUES, Victor. O Rei dos Palhaços e seu Exército de Trolls. *Medium*, 22-01-2017. Disponível em: <https://medium.com/@marques.v/o-rei-dos-palha%C3%A7os-e-seu-ex%C3%A9rcito-de-trolls-12d1d30ab88a>. Acesso em 13-04-2019.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1, 2018.

MBEMBE, Achille. Lumpenradicalismo e outras doenças da tirania. Trad. Vinícius Honesko. *Flanagens*. Disponível em: <https://flanagens.blogspot.com/2017/12/o-lumpenradicalismo-e-outras-doencas-da.html>. Acesso em 13-04-2019.

MBEMBE, Achille. Essai sur le politique en tant que forme de la dépense. *Cahiers d'études africaines*, 2004.

NEIWERT, David. *Alt-america: the rise of the radical right in the age of Trump*. London/New York: Verso, 2017.

NAGLE, Angela. *Kill All Normies: online culture wars from 4Chan and Tumblr to Trump and the alt-right*. Winchester/Washington: Zero Books, 2017.

PINTO NETO, Moysés. Taxi Driver: plasticidade destrutiva e cancelamento do futuro. In: *Criminologia e Cinema: semânticas do castigo*. Org: Bruno Machado, Cristina Zackseski e Evandro Piza Duarte. Brasília: Marcial Pons, 2018a.

PINTO NETO, Moysés. Do Populismo Reacionário ao Exterminismo: yuppies, neggers e trolls. *Crise e Crítica*, vol. 2, n. 2, 2018b.

STERN, Alexandra. *Proud boys and White Ethnostate: how the alt-right is warping american imagination*. Beacon Press, 2019.

STIEGLER, Berard. *La télécratie contre la démocratie: lettre ouverte aux représentants politiques*. Paris: Flammarion, 2008.

STIEGLER, Berard. *What makes life worth living: on pharmacology*. Trad. Daniel Ross. Cambridge: Polity Press, 2013.

“UFRGS sob ameaça de atentado”. *Extraclasse*. Edição de 20-03-2019. <https://www.extraclasse.org.br/sem-categoria/2019/03/ufrgs-sob-ameaca-de-atentado/>. Acesso em 13-04-2019.

Recebido em: 01 maio 2019 / Aprovado em: 16 out. 2019

Cite como

PINTO NETO, Moysés. Suzano: a educação na mira dos massacres *lumpenradicais*. *Dialogia*, São Paulo, n. 33, p. 178-191, set./dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/Dialogia.n33.13790>.

---

<sup>i</sup>“Ataque seria evitado se professor estivesse armado, diz Major Olímpio”. *O Globo*, 13-03-2019. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/ataque-seria-evitado-se-professor-estivesse-armado-diz-major-olimpio-23518634>. Acesso em 14-04-2019.

<sup>ii</sup> Uma tese similar, que relaciona a formação do novo pano de fundo tecnológico e a quebra do espaço transicional a desencadear a “desafetação” pode ser encontrada, por exemplo, em Stiegler (2013) e (2008).

<sup>iii</sup> Outros importantes livros, alguns posteriores ao de Angela Nagle, exploraram a relação entre a cultura da *deep web* com a emergência da alt-right e os massacres em questão. Por questão de foco, deixa-se para outros ensaios sua análise. Ver, por exemplo, Neiwert (2017), Grossberg (2018), Beran (2019) e Stern (2019).

<sup>iv</sup> “UFRGS sob ameaça de atentado”. *Extraclasse*. Edição de 20-03-2019 <https://www.extraclasse.org.br/sem-categoria/2019/03/ufrgs-sob-ameaca-de-atentado/>. Acesso em 13-04-2019.

<sup>v</sup> “Escolas reforçam segurança após ameaça de ataque”. *Extraclasse*. Edição de 28-03-2019. <https://www.extraclasse.org.br/movimento/2019/03/escolas-reforcam-seguranca-apos-ameaca-de-ataque/>. Acesso em 13-04-2019.

<sup>vi</sup> “Ameaça de alunos nazistas assusta professores de escola para surdos no Rio”. *Ponte Jornalismo*. Edição de 12-04-2019. Disponível em: <https://ponte.org/servidores-temem-repeticao-de-suzano-em-instituicao-de-ensino-para-surdos-no-rj/>. Acesso em 13-04-2019.